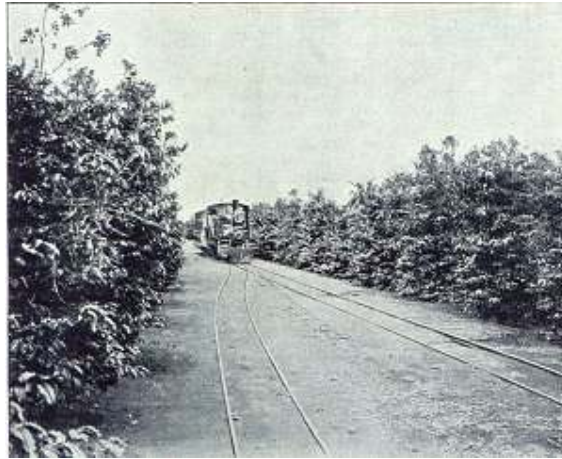


Fazenda Dumont



A E. F. Dumont percorria diversas seções da fazenda Dumont com sua linha principal e três ramais, no meio dos cafeeiros. Suprimida em 1940, apenas restam dela hoje três de suas quatro locomotivas a vapor, apodrecendo num armazém em Cajamar, SP.

Foto da revista Brazil Magazine, no. 57, 1911

PEQUENA HISTORIA DE UMA DAS MAIORES FAZENDAS DO MUNDO

Salutares efeitos do desmembramento da famosa Fazenda Dumont — Colheitas de 124.500 sacas de café, reduzidas agora a 600 somente

RIBEIRÃO PRETO, 27 (Da sucursal regional) — Ribeirão Preto, naquele ano de 1873, contava apenas 5.552 habitantes, sendo 857 escravos e 14 estítoros na paróquia. Essa referência, dada por Azevedo Marques nos seus clássicos "Apontamentos da Província de S. Paulo", define perfeitamente o que era o futuro, mas incipiente município do "ocidente".

Cinco anos depois, a Mogiana ainda permanecia indecisa em Casa Branca, sem saber que rumo devia tomar. De um lado estava seu antigo projeto, aprovado pela Assembléa Provincial, que lhe apontava o rumo em frente, de Batatas e de Franca do Imperador, e de outro, o estudo de um ramal, também aprovado, em direção de S. Simão e de Ribeirão Preto. Afinal, resolveu-se pelo ramal: — a linha tronco viria a Ribeirão, abandonando-se definitivamente o traçado primitivo. Iniciou-se o prolongamento. As feições marcavam, então, o ano de 1878.

Ribeirão Preto situava-se a três dias a cavalo de Casa Branca. Era a viagem normal dos desbravadores. Foi a viagem do engenheiro Henrique Dumont, com sua numerosa família, oitenta escravos e trezentos contos em dinheiro.

O que aconteceu depois é mais ou menos conhecido. Dumont adquiriu terras e instalou-se nelas no ano de 1879, entregando-se de corpo e alma ao plantio de cafezais. Por todos os lados o trabalho era um só — a derrubada, a queimaça e a subsequente formação de fazendas.

A terra roxa, no auge da sua força, gerou Ribeirão Preto, a flor da civilização do café.

A FAZENDA DUMONT PASSA PARA AS MÃOS DOS INGLESES

Dez anos depois Henrique Dumont vendeu um cavalo e refez

conta é o próprio Alberto Santos Dumont — ela colheu naquele cafezal 498 mil arrobas e em 1911 obteve uma renda bruta de \$ 3.883.000,00.

Para que se tenha nitida compreensão desses números, mistér-se faz um recuo no tempo. O café colhido correspondeu a 124.500 sacos, quantidade verdadeiramente extraordinária, ainda mesmo nos dias que correm; todavia, o que a muitos poderá parecer insignificante, foi o lucro de três mil e oitocentos contos, porque hoje, segundo se sabe, qualquer atacadista da rua Vinete e Cinco de Março, num só ano, sem canseiras, ganha muito mais; entretanto, para a época foi esse um resultado fabuloso, digno da maior admiração.

Os ingleses, porém, pouco apegados à terra, fraquejaram na segunda ou terceira crise do café. Veio a exaustão do solo, veio a erosão, veio o envelhecimento das arvores e sobretudo apareceu o terrível cupim conhecido pelas letras iniciais de D. N. C. Então, sentindo-se definitivamente perdidos, liquidaram a velha fazenda, não sem antes despirem-na de tudo quanto lhes foi possível dela retirar, inclusive uma estrada de ferro completa. Até recentemente, em 1943, arrastava-se no fóro de Ribeirão Preto uma ação trabalhista de antigos empregados da Dumont contra os súditos da Grã-Bretanha.

Por esse tempo a imensa fazenda já havia sido vendida a uma organização, cujo primeiro intuito, que justificou sua fundação, foi adquirir latifúndias e reparti-las em lotes. Visava-se conseguir pela subdivisão da propriedade, o aumento da produção e o consequente aumento de cargas para determinada estrada de ferro.

Coube à C. A. I. C. o trabalho de fazer explodir o famoso feudo.



Jornal "O Estado de S. Paulo", de 22/04/1947, conta a história da na época já desaparecida Fazenda Dumont

*Adquirida por Henrique Santos Dumont no final dos anos 1870, vendida aos ingleses por volta de 1894, a fazenda Dumont desapareceu desde o final dos anos 30, quando foi loteada pelos ingleses depois de várias crises do café. Parte dela transformou-se na área urbana do atual município de Dumont, emancipado em 1963. A ferrovia - o antigo ramal de Dumont, que ligava a estação velha da Mogiana de Ribeirão Preto à fazenda - foi desativada na mesma época, desmontada e vendida por peças. A casa da fazenda hoje ainda está em pé, bem como partes da vila ferroviária, mas é claro que muita coisa foi demolida. (Fontes: O Estado de S. Paulo, edição de 22/04/1947; idem, edição de 09/07/2000; revista Brazil Magazine, edição 57, 1911; Impressões do Brasil no século XX, 1913; e o próprio autor).



No mapa de 1956, o já distrito mas ainda não município de Dumont aparecia como parte integrante de Ribeirão Preto. Já nessa época a fazenda era história apenas. Também não existia mais a ferrovia, o "ramal de Dumont", extinto em 1940, e as linhas da Mogiana ainda passavam pelas fazendas próximas.



Acima, secção da fazenda Santa Albertina, que fazia parte da empresa inglesa. Ali também chegava um dos três ramais da E. F. Dumont, como se vê pela locomotiva na foto. Quando os ingleses compraram a fazenda Dumont, em 1894, comprou também a Santa Albertina, contígua a esta. Originalmente ela pertencia à família Prado e estes, quando adquiriram a fazenda Guatapará, não muito longa dali, também chamaram a vila de Albertina - Vila Albertina. Por isso, não se deve fazer confusão entre as duas fazendas. Foto da revista "Brazil Magazine", ed. 57, 1911



Acima, terreiro de secagem na fazenda Dumont, c. 1913. Foto do livro "Impressões do Brasil no Século XX", de 1913



Nesta foto de 2000, extraída da edição de "O Estado de S. Paulo, de 22/04/2000, vê-se a antiga casa da fazenda Dumont, hoje pertencente à família Lorenzato e supostamente construída ainda pelos Dumont, no século XIX. A reportagem citava que ela contém ainda alguma mobília original e que está necessitando de reparos estruturais, alguns urgentes.

A casa fica fora da cidade, mas bem perto dela e do outro lado do vale.

HISTORICO DA LINHA DE FERRO

A E. F. Dumont, construída pela Mogiana para ser um ramal de bitola de 60 cm, saía de Ribeirão Preto e chegava à fazenda Dumont, de propriedade de Henrique Santos Dumont, a oeste de Ribeirão. O tronco da ferrovia, também chamada de Ramal de Dumont, tinha cerca de 25 km, mas havia também 4 ramais que saíam da linha principal. A Mogiana a vendeu logo após construída para a Fazenda Dumont, que passou a operá-la, inclusive com transporte público de passageiros. Começou a operar em 1890 e foi fechada, com a venda da fazenda e de seus ativos, em 1940, sendo os seus trilhos imediatamente retirados. Por quase todo o seu leito passa hoje a rodovia Ribeirão Preto-Pradópolis. Duas de suas locomotivas (eram 4) foram vendidas à E. F. Perus-Pirapora.

A ESTAÇÃO: A fazenda Dumont, de propriedade de Henrique Santos Dumont, pai de Alberto Santos Dumont, o Pai da Aviação, era, entre 1870 e 1890, uma das maiores fazendas de café do mundo. Em 1890, a Mogiana construiu a linha de *Ribeirão Preto* à fazenda e imediatamente o vendeu a *Henrique*, que passou a operá-lo. No ano seguinte, *Henrique* sofreu um acidente (queda de cavalo), que o levou a, desanimado, vender a fazenda aos ingleses, que fundaram a *Dumont Coffee Company*, em 1896. Estes passaram a operar também a ferrovia. Com as sucessivas crises do café, a maior delas em 1929, os ingleses venderam e lotearam toda a fazenda, inclusive os trilhos da ferrovia. Segundo se conta, a operação foi intermediada pelo Governo do Estado e não teria sido muito lícita. Além disso, segundo alguns, o acordo de venda previa que a linha principal da ferrovia deveria continuar operando para o transporte de passageiros desde *Ribeirão*, fato que não aconteceu, tendo sido os trilhos retirados logo em seguida (1940). Isto deixou no desemprego vários funcionários da ferrovia, que passaram a ter de trabalhar como lavradores para sobreviver. Em poucos anos a fazenda loteada se transformou numa pequena cidade, que se emancipou como município em 1953. Hoje restam a casa da fazenda e mais algumas casas, espalhadas pela cidade, principal-mente em sua parte baixa. A estação de *Dumont* ficava junto com as casas dos funcionários e do telégrafo, na fazenda *Dumont*. Hoje este conjunto fica a cerca de um quarteirão da praça central da cidade, e numa das casas funciona o cartório. A plataforma de embarque e sua cobertura, que ficavam ao longo das casas, já não mais existem. Sobraram também as memórias de *Ângelo Lorenzato*, italiano de 93 anos (em 2001), morador da cidade que é aparente-mente o último funcionário vivo da ferrovia, tendo sido um de seus maquinistas. Graças a ele, grande parte da história da ferrovia Dumont pôde ser levantada.



Provavelmente a estação de Dumont, no início do século, onde, ou perto de onde, existem hoje a fileira de casas da foto seguinte, só que olhado no sentido de Ribeirão Preto. Acervo Julio Cesar de Paiva



A estação de Dumont era aqui. Em frente a essa fileira de casas, sendo que a primeira à esquerda era a casa do telégrafo, ficava a plataforma de embarque. Foto Ralph M. Giesbrecht em 25/09/2001



Armazém da ferrovia em Dumont, um pouco antes da chegada à plataforma de passageiros. Foto Ralph M. Giesbrecht em 25/08/2001

